

OS (DES)CAMINHOS NAS TRAJETÓRIAS DE JOVENS EM PROCESSO DE INSERÇÃO PROFISSIONAL

Teresinha Backes Piccinini¹

RESUMO

Este artigo sintetiza o resultado da minha pesquisa de mestrado realizada entre 2004 e 2006. Desvelar as complexas trajetórias de inserção profissional, sustentada no pensamento dos autores com os quais no texto dialogo, constitui o foco central do meu percurso investigatório, porque creio ser um ponto de partida para a possibilidade de mudança rumo à inclusão social. A historicidade e a contradição constituem o viés desta pesquisa qualitativa, com enfoque na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, sob orientação teórico-metodológica de F. Lefèvre e A.M. Lefèvre (2003). Do olhar aguçado nas trajetórias familiares e pessoais de escolaridade e ocupações profissionais resultam discursos que demarcam identidades, preconceitos e obstáculos provocadores de (des)continuidades. Da pesquisa resultam quatro reflexões: 1. as marcas do contexto social-cultural-econômico-histórico nas trajetórias de inserção profissional; 2. a relação da escola técnica nos processos de inserção profissional; 3. os elementos que circunscrevem a influência da faixa-etária no processo de inserção profissional; 4. a influência do gênero no Curso de Eletrotécnica. Focalizo um homem circunscrito por ideologias/crenças engendradas por seu contexto sócio-econômico-cultural, o *habitus* (BOURDIEU, 1988, 1997, 2001). Elucido processos de socialização que marcam trajetórias de profissionalização, um percurso não-linear, como preconizou a Teoria do Capital Humano.

Palavras-chave: Trajetórias de profissionalização. Sistema Produtivo e Educacional. Realidade Objetiva e Subjetiva.

ABSTRACT

This article summarizes the result of my master research done from 2004 to 2006. To clarify the complex trajectories of professional insertion, supported on the thoughts of authors with whom I dialog on the text, constitutes the central focus of my investigatory way because I believe that it is a first step to the possibility of changing towards social inclusion. The historicity and the contradiction constitute the way of this qualitative research, focusing on the technique of discourse of the collective subject, under F.Lefèvre and A.M. Lefèvre methodological theoretical orientation. From the sharp look on the familiar and personal trajectories in relation to graduation and professional occupation results speeches that mark identities, prejudice and obstacles of (des)continuity. From the research four reflexions come out: 1. The marks of the historical – economical – social context in the trajectories of professional insertion; 2. The relation of the technical school in the process of professional insertion; The elements that constitute the influence of the age in the process of professional insertion; 4. The influence of gender in the eletrotechnical Course. I focus on a man who is circumscribed by ideologies/beliefs, which are based on his cultural – economical – social context, the *habitus* (BOURDIEU, 1988, 1997, 2001). I elucidate processes of socialization that mark professionalization trajectories, a not linear way as advocated by the Human Capital Theory.

Keywords: Professionalization Trajectories. Productive and Educational System. Objective and Subjective Reality.

¹Especialista em Informática na Educação (Feevale). Mestre em Educação, Linha de Pesquisa Trabalho, Movimentos Sociais e Educação (FACED/UFRGS). Diretora Pedagógica da Escola Técnica Cristo Redentor (Porto Alegre/RS).

Este artigo sintetiza o resultado da minha pesquisa de mestrado realizada entre 2004 e 2006². A questão: “Há uma lógica (*explicação*) nas trajetórias (*de continuidades e descontinuidades*) dos jovens em processo de inserção profissional do Curso Técnico em Eletrotécnica e do Curso Técnico em Química da Escola Estadual Técnica “X”, no Rio Grande do Sul, na realidade em que vivemos (*tempos de reestruturação da produção e, por conseguinte, segmentação – flexibilização – precarização – e outros adjetivos do Mercado de Trabalho*)?” mobilizou a investigação. Desvelar as complexas trajetórias de inserção profissional, sustentada no pensamento dos autores com os quais no texto dialogo, constitui o foco central do meu percurso investigatório, porque creio ser um ponto de partida para a possibilidade de mudança rumo à inclusão social.

A historicidade (espaço-tempo) e a contradição constituem o viés pelo qual se sucede todo o processo reflexivo para comprovar as hipóteses que alimentam o processo de pesquisa diante do problema levantado. Essas são:

1. Não há uma relação objetiva e direta entre formação profissional e inserção no mercado de trabalho. As trajetórias dos jovens no processo de inserção profissional são marcadas pelo seu contexto social-cultural-econômico-histórico.
2. A faixa-etária influencia as trajetórias dos jovens no processo de inserção profissional.
3. O gênero influencia as trajetórias dos jovens no processo de inserção profissional.
4. O projeto educacional da escola técnica pode facilitar ou até dificultar a trajetória pela formação técnica.

Essas referências sustentam a pesquisa empírica/qualitativa. Na investigação, estabeleci um olhar aguçado sobre as trajetórias familiares e pessoais de escolaridade e ocupações profissionais, no caminho metodológico da análise de discurso do sujeito coletivo, proposta e difundida por Fernando e Ana M. C. Lefèvre (2003). As idéias centrais, que constituem o conteúdo desse discurso (DSC)³, fundamentam a análise das hipóteses levantadas e as conclusões do estudo.

Um macroolhar sobre as trajetórias da humanidade e suas relações com o mercado sustenta e situa o microcontexto da pesquisa. Naisbitt (1987), Morley (1998) e Enguita (1989; 2004) orientam a construção de um mapa histórico em cujo espaço insiro as relações de mercado, com o apoio em Marx (1980), Ribeiro (1985;

2006), Frigotto (1995; 1998), Pochmann (1999; 2001), Mattoso (2001) Guimarães (2002; 2004), Bertrand (2005) e outros. Dialogo com Fonseca (1961; 1962), Mattoso (1979), Stephanou (1990), Cunha (2000), Küenzer (1998; 2000; 2003), Romanelli (2001), Santos (2003), Ribeiro (2005), SUEPRO – Superintendência da Educação Profissional do Rio Grande do Sul, Município, Escola e outros, para compreender a educação profissional no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Montenegro, a fim de chegar até a história da Escola Estadual Técnica, campo do meu estudo.

Focalizo o homem, sujeito circunscrito por ideologias/crenças (MARX, 1980; LÖWY, 1989; CHAUI, 2002), que são engendradas por seu contexto sócio-econômico-cultural, o seu *habitus* (BOURDIEU, 1988, 1997, 2001; CATTANI e NOGUEIRA, 1998). Para, então, compreender os processos de socialização que marcam trajetórias de profissionalização, um percurso muito mais complexo e não necessariamente positivo, como preconizou a Teoria do Capital Humano. Os argumentos em Oliveira (1998), Bertrand (2005), Cattani (2005), entre outros apontam que a formação profissional se completa com a inserção no mercado de trabalho. Essa trajetória não é linear. Está no liame de questões individuais e coletivas num complexo contexto histórico-econômico-social-cultural. As respostas encontradas na investigação rompem com as ilusões liberais e economicistas sustentadas pela Teoria do Capital Humano.

A compreensão necessária sobre trajetórias de profissionalização, ponto central do meu estudo, é encontrada em Trottier (1998) e Franzói (2003) e enriquecida em Oliveira (1998) e Guimarães (2002; 2005). A formação é apenas uma etapa do processo de inserção profissional. Localizo em Guimarães (2002) a análise sobre o complexo tema da empregabilidade. As estratégias de busca do emprego têm redes sociais constituídas. A autora afirma que “a empregabilidade, mais que mera capacidade individual, deveria ser apreendida como uma construção social”⁴ (op.cit., p.109), pois as chances de emprego são definidas além da vontade e da conduta individuais. A empregabilidade é resultante da interação entre estratégias individuais e coletivas, tanto dos que buscam o trabalho assalariado quanto daqueles que o empregarão.

Com o objetivo central focado em desvelar as complexas trajetórias de inserção profissional dos jovens do Curso Técnico em Eletrotécnica e do Curso Técnico em Química da Escola Estadual Técnica campo do estudo, estabeleço as categorias de análise de

²PICININI, Teresinha Backes. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Linha de Pesquisa Trabalho, Movimentos Sociais e Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Prof. Dr. Jorge Albeto Rosa Ribeiro. E-mail: tere@getecnet.com.br.

³Na análise dos dados para a Dissertação, opto pela *metáfora* para a expressão final dos discursos individuais, resultando o discurso do sujeito coletivo (DSC). De tal modo, os personagens, suas características e suas falas são autênticas, portanto discursividade real, das entrevistas degravadas (com o prévio consentimento individual escrito dos sujeitos).

⁴A autora fundamenta-se em Demazière (1995 e 1995a) e Outin (1990).

conteúdo, que demarcam o meu percurso investigatório. São elas: 1. a trajetória familiar: educacional e profissional; 2. a trajetória pessoal: educacional e profissional; 3. a concepção sobre formação técnica; 4. o papel da escola técnica nas trajetórias (passivo/ativo).

Os sujeitos que se dispuseram a participar da investigação, através de questionário ou entrevista, foram previamente cientificados dos objetivos e livres para se envolver, arrolados conforme o quadro demonstrativo.

ALUNOS	TE			TQ			TOTAL
	Questionários	Entrevistas	Outros	Questionários	Entrevistas	Outros	
Ensino Regular	31	3	-	44	3	-	81
Em atraso Curricular	8	5	-	5	2	-	20
Em Estágio Supervisionado	7	2		17	2		28
Evadidos	2	3	4	3	3	4	19
Cancelaram	-	2	1	-	3	5	11
Egressos	4	2	3	2	1	21	33
Egressos (concluíram os módulos e não fizeram o Estágio Supervisionado)	-	1	9	-	-	4	14
TOTAL	52	18	17	71	14	34	206
	87			119			

Quadro 1: Demonstrativo da abrangência do levantamento de dados.

Ao assinar o seu consentimento, constituíram uma representatividade significativa de 73%⁵ dos 283 alunos matriculados no período demarcado para a investigação. Assim definido, perguntas foram organizadas em questionários e entrevistas semi-estruturadas, de modo a ensinar a expressão da realidade objetiva/subjetiva dos sujeitos envolvidos (professores, alunos e, indiretamente, os pais). Os dados resultam em informações quantitativas e qualitativas, objetivando dar conta e preservar a discursividade, característica própria e indissociável do pensamento coletivo, sistematizada em quadros e metáforas. Essa construção discursiva é resultante da

reunião das individualidades semânticas, especialmente coletadas nas entrevistas gravadas, configurando um discurso sobre a realidade, a partir do longo processo de investigação. Os discursos coletivos expressam o pensamento de coletividades que, segundo Bourdieu, falam a respeito do seu *habitus*.

As análises dos discursos viabilizam a demarcação de identidades, geradas em suas histórias pessoais, e demarcam preconceitos e obstáculos diversos provocadores de descontinuidades. Essas deduções elucidam os (des)caminhos nas trajetórias dos jovens no seu processo de inserção profissional, indicam a influência do contexto sócio-econômico-cultural e

⁵Em alguns aspectos a pesquisa atingiu 100% dos alunos, totalizando 163 alunos classificados no Curso Técnico em Química e 120 alunos classificados no Curso Técnico Eletrotécnica, no período de 2001 a 2004, mediante acesso autorizado pela direção de levantamentos realizados nos processos seletivos e dados fornecidos na secretaria da Escola.

rompem com as ilusões anunciadas pela Teoria do Capital Humano. Ainda provocam novos questionamentos, que marcam a incompletude do meu próprio percurso na investigação. Um olhar retrospectivo da jornada de pesquisa sobre as trajetórias de inserção profissional no campo da formação técnica sugere a urgência da reflexão, sem dúvida, tema de grande relevância. Concluo que é um terreno ainda íngreme e necessita ser desbravado. Um convite à continuidade.

Da pesquisa sobre as trajetórias de jovens no processo de formação profissional técnica e os (des)caminhos de inserção no mercado de trabalho, resultam quatro grandes reflexões, destacadas a seguir.

1. As marcas do contexto sócio-cultural-econômico-histórico presentes nas trajetórias de profissionalização, nas trajetórias educacionais e nas ambições futuras.

Procuro nexos entre as histórias dos personagens e os (des)caminhos nas trajetórias de formação e inserção profissional. Concluo que fios comuns constroem identidades que limitam ou facilitam as trajetórias de profissionalização.

Confirmando que não há uma relação objetiva e direta entre formação profissional e inserção no mercado de trabalho. As trajetórias dos jovens no processo de inserção profissional são marcadas pelo seu contexto social-econômico-cultural. Para chegar a esta dedução, foi necessário investigar quem são os sujeitos selecionados nos processos seletivos para os cursos técnicos e, nesse percurso, seguem trajetórias diversas. Desta forma, tomando de empréstimo as idéias de Guimarães (2004), ao identificar padrões de mobilidade da corte de trabalhadores demitidos da indústria petroquímica, defino aqui três *padrões de trajetórias de inserção*. Localizo três grupos com identidades demarcadas, que denomino: Grupo A – *padrão de trajetórias de permanência*; Grupo B – *padrão de trajetórias de reconversão*; Grupo C – *padrão de trajetórias de exclusão*. E concluo que as trajetórias do Grupo B e Grupo C estão na contramão da formação técnica, que é perseguida pelo Grupo A.

I - Grupo A – *padrão de trajetórias de permanência*.

A condição sócio-econômica desse grupo é média ou média-baixa. A escolaridade familiar é de Ensino Fundamental completo a Ensino Médio e/ou Ensino Técnico. Muitas vezes, a atividade profissional da família está relacionada à área técnica ou ao campo da produção industrial, ou uma referência marcante de alguém relacionado à área, que serve de estímulo à opção técnica.

Estão focados na formação técnica, pela expectativa profissional, como objetivo-fim ou objetivo-meio. Por isso, priorizam o Curso Técnico, do qual se orgulham. Têm como sonho o Ensino Superior, na área ou campo específico do curso técnico, que será sustentado pela profissão.

São alunos estudiosos, com bons desempenhos escolares, assíduos e aprovam sempre em todos os

componentes curriculares. Por isso sua trajetória escolar é regular. São competitivos nos projetos curriculares, empenham-se para obter classificação nos Projetos de Pesquisa Científica na área Técnica do Curso, desenvolvidos em grupo ao longo do ano, sob a orientação de um professor por eles escolhido.

Fazem o Curso Técnico sem a necessária ocupação paralela, são solteiros e residem com a família. Quando trabalham durante o curso, geralmente no final, é para enriquecer o currículo com pré-estágios na área. Inclusive, visualizam a permanência para o estágio supervisionado. E quando são trabalhadores (ou ainda, casados), sua função é afim e a formação é do interesse da empresa.

Ousados, são empreendedores na busca pelos processos seletivos em grandes empresas para o estágio supervisionado, têm esperança de serem lá efetivados.

II - Grupo B – *padrão de trajetórias de reconversão*.

Pertencem à classe sócio-econômica média. A escolaridade dos pais, em grande número, é de Ensino Médio; alguns, Ensino Superior. As famílias não têm um histórico profissional relacionado à formação técnica ou à área da produção industrial. O nível de expectativa de sucesso não está na formação técnica e, sim, aspiram ao ensino superior.

São solteiros, moram com os pais, com idade própria ao nível de escolaridade. Sustentados pela família, não têm necessidade de vincular estudo/ trabalho.

Decidiram fazer o curso técnico mais por incentivos alheios do que por vontade própria. Há pais que incentivam os filhos para seu ingresso no curso técnico, temerosos pela situação econômica em que vivemos. Afirmam que o curso técnico poderá ser necessário, caso alguma instabilidade financeira venha a ocorrer, o que lhes assegurará a necessária possibilidade de ingresso no ensino superior. Há os que ainda não têm uma identificação profissional, sentem-se imaturos e vivem os momentos presentes sem pensar no futuro, ou seja, *“ainda não me decidí”*. Alguns acreditam que o curso técnico os preparará melhor para um vestibular ainda não definido e, quando indicado, muitas vezes, não relacionado com o técnico, por exemplo, medicina.

Esses alunos cursam o Ensino Médio e o Curso Técnico concomitantemente e, quando em dificuldade no desempenho escolar, optam pela exclusividade do Ensino Médio. Outros, ao concluírem o Ensino Médio e aprovados no vestibular, optam pelo Ensino Superior; então cancelam ou evadem do Curso Técnico.

Há, ainda, alunos que não valorizam o estudo, custa-lhes concluir o Ensino Médio. Os “despreocupados” podem se “apoiar” na atividade familiar. Algumas vezes a família não tem a cultura da valorização da escolaridade. No DSC da mãe, constata-se: *“Se o fulano não gosta de estudar assim como o pai, em vez de perambular na escola, deve ajudar no mercado da família”*.

III - Grupo C – padrão de trajetórias de exclusão.

As condições sócio-econômicas desse grupo são baixas ou muito baixas. A família tem pouca escolaridade, uma minoria tem ensino fundamental completo. Geralmente o pai é assalariado ou autônomo e muitas mães não trabalham, são senhoras do lar. Nesse grupo, encontra-se um homem que expressa no DSC: “*Eu garanto o sustento do lar, a mulher deve cuidar da casa e dos filhos*”.

Há jovens com ocupação necessária fora da área do curso durante o processo de formação. Outros, quando desempregados, ao conquistar um trabalho com horário não compatível com o curso, optam pelo primeiro e desistem da formação técnica.

Em muitos casos, são retornos escolares, fora da faixa etária própria, só para o Curso Técnico ou, concomitantemente, Ensino Médio e Curso Técnico, o que se torna mais difícil, em função da maior carga horária implícita. Há alunos que são casados/companheiros e/ou com filhos, o que cria um peso maior, sentem-se sobrecarregados. Então abdicam da escola.

Têm uma visão pouco ou nada além do sobreviver, como obter um emprego e/ou uma melhor remuneração. Apresentam desempenho fraco no curso, também com atrasos curriculares, muitas vezes desanimam e abandonam o curso. Quando chegam a concluir as disciplinas do curso, não têm competitividade para sua inserção no estágio supervisionado. Ou, temerosos de perder o seu emprego, não vinculado à área, ficam sem opção para realização do estágio supervisionado. Há alunos que não têm emprego e não conseguem inserção no estágio supervisionado – parecem “sobrantes” (CASTEL, 1995).

2. A relação do Projeto Educacional da Escola Técnica nas trajetórias dos jovens, no processo de formação profissional técnica.

Há explicações para os (des)caminhos dos jovens em suas trajetórias de inserção profissional. Essas lógicas não estão dentro da escola, porém esta também participa do cenário. Os jovens entram no jogo da formação técnica com potencialidades diferenciadas, obtidas e acumuladas durante suas histórias de vida, engendradas nas suas realidades sócio-econômico-sociais que, dotadas de realidades histórico-contextuais diferenciadas, produzem possibilidades e exclusões, ocultadas por decisões subjetivas de permanência ou desistência.

A escola não tem presente a diversidade do seu corpo discente e o ocultamento da exclusão na desistência. Não se percebe participando ativamente do processo de seleção. Inclusive os próprios sujeitos (alunos), vítimas da exclusão, não o percebem.

Como afirma Bourdieu (2002), por trás das idéias inquestionáveis de igualdade e de universalidade, especialmente quando a cultura da elite é referência para sua pedagogia, a escola perpetua as desigualdades sociais. Com raras exceções, não demonstra conhecimento da complexidade do mercado de trabalho atual e parece não ter noção do papel das redes sociais no processo de inserção profissional⁶. Isto é, Bourdieu (2002) aponta-nos que, na busca por um espaço no mercado de trabalho, no valor do diploma está implícito o poder do capital social do seu detentor.

3. Os elementos que circunscrevem a influência da faixa-etária nas trajetórias de profissionalização.

A realidade objetiva condiciona trajetórias de inserção profissional; a idade, por si só, não. Se a realidade sócio-econômico-social do aluno favorecer seu ingresso e permanência no curso, a tendência será de obter o Diploma de Técnico, independente da faixa-etária. Essa situação ocorre, especialmente, quando o aluno-trabalhador atua na área do curso e, além disso, se for recomendado pela empresa. Há, então, o estímulo da valorização profissional aliada às condições que viabilizam a formação. Da mesma forma, jovens de 16 anos ou até menos, quando pertencentes ao Grupo A – padrão de trajetórias de permanência, especialmente quando redes sociais indicam a possibilidade de inserção, são estimulados à permanência no curso.

4. A influência do gênero (sexo) nas trajetórias dos jovens no processo de inserção profissional, no Curso Técnico em Eletrotécnica.

No Curso Técnico em Eletrotécnica, o DSC expressa a influência do gênero (sexo) nas trajetórias dos jovens no processo de inserção profissional, presente no diálogo:

ETE0334 insiste:

- *Então, a mulher não está preparada para a TE?*

RTE0315 filosofa:

- *A mulher está preparada, como o homem. Ela pode como o homem. Mas, desde o início, o homem foi preparado para isso, direcionado para isso. A mulher, não. Ela foi conduzida para atuar no lar, na educação – a mulher é quem educava filhos. Isto já está mudando.*

ETE0334 persiste:

- *Conclui que há profissões voltadas para Homem e outras para Mulher?*

RTE0315 responde, filosoficamente:

- *Está no rumo uma mudança. A mulher é uma evolução, se descobrindo, aos*

⁶ Reflexão abrangente a respeito das discussões teóricas em torno da noção de inserção profissional encontra-se em Oliveira (1998) tema que pode ser enriquecido nos densos estudos de trajetórias em Guimarães (2002; 2004) e Bertrand (2005).

poucos. As mulheres, aos poucos, estão surpreendendo homens. Alcançando coisas que homens até não faziam. Como as famílias educam as meninas e os meninos, seremos Homem e Mulher do jeito que somos.

Pelos preceitos da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, não pode existir a divisão sexual do trabalho que, no campo social, é factual, ou seja, é a realidade objetiva e subjetiva dos jovens com os quais dialoga. Esta condiciona os rumos das trajetórias, os (des)caminhos da formação técnica em eletrotécnica.

Para Hirata (1995):

O estudo das atividades de trabalho segundo o sexo e o par masculinidade/virilidade e feminilidade desvenda o poder dos estereótipos sexuais no trabalho (a virilidade é associada ao trabalho pesado, penoso, sujo, insalubre, algumas vezes perigoso, trabalho que requer coragem e determinação, enquanto que a feminilidade é associada ao trabalho leve, fácil, limpo, que exige paciência e minúcia) (HIRATA, 1995, p. 43).

Leis não eliminam preconceitos. As crenças tendem a manter o todo em seu lugar. A alienação mantém essa determinação. Enquanto homens e mulheres, alienados, persistem na crença de que há profissões que só podem ser ocupadas por um ou por outro, assim permanecerá. Somente a consciência leva à denúncia, que é o princípio da possibilidade da quebra de paradigma (FREIRE, 1987; CHAUI, 2002).

Concluo que qualquer que seja o ponto inicial de uma reflexão sobre o processo de inserção esta gera interrogações, que, no estado atual do desenvolvimento da área de pesquisa, só encontrarão respostas na continuidade dos esforços em vista de melhor conceituá-lo (TROTIER, 1998).

A persistência e o interesse pela escola, como investimento na expectativa de oportunidades, estão diretamente relacionadas às antecipações práticas de um porvir inscrito no presente imediato, que é ditado pela posição hierárquica, o seu *habitus*. Para Bourdieu, “o *habitus* é essa presença do passado no presente que torna possível a presença do porvir no presente” (BOURDIEU, 2001, p.257).

As histórias de vida dos jovens não cessam com a pesquisa. Um estudo longitudinal das trajetórias dos grupos identitários promoverá uma maior clareza e profundidade desse estudo. Por outro lado, pergunto: localizaremos os jovens mapeados nessa pesquisa nas demais escolas estaduais? Se confirmado, que motivações os mobilizam? Como serão seus comportamentos?

Em outro viés, num estudo comparativo de trajetórias de jovens em processo de inserção profissional em escolas técnicas entre a rede estadual e privada, a que deduções chegaremos? Processos seletivos, especialmente nas escolas públicas, quais os seus critérios de seleção? Quem são os jovens beneficiados ou excluídos por esses processos? E, com o conhecimento desses grupos identitários, alterariam as políticas públicas de seleção de candidatos nas escolas?

Outrossim, haveria políticas de inclusão (permanência) nos cursos técnicos, especialmente do Grupo C – *padrão de trajetórias de exclusão*, nas escolas públicas? Qual a realidade objetiva que move as realidades subjetivas dos jovens em seu processo de inserção/permanência ou exclusão no Mercado de Trabalho após receber o Diploma de Técnico?

Na análise da influência do gênero nas trajetórias de inserção profissional, a segregação da mulher no Curso Técnico em Eletrotécnica é mais um exemplo de exclusão feminina no mercado de trabalho. Esse fato ocorre com mulheres do mesmo curso em outras escolas? Quais são os cursos que geram profissões ditas masculinas? Que poder tem a lei diante da cultura dessa exclusão?

Bourdieu (2001) deduz que existe uma autonomia relativa da ordem simbólica que pode deixar certa margem de liberdade a uma ação política desejosa de reabrir o espaço dos possíveis, em quaisquer circunstâncias e, sobretudo nos períodos de desajustes entre esperanças e oportunidades.

O espaço de autonomia da pessoa é possível porque é um ser cogniscente. O conhecimento humanizador demonstra um processo de consciência pelo qual o homem é libertado e pode libertar. Quem se humaniza pode humanizar. Estudos investigatórios, na Linha de Pesquisa “Trabalho, Movimentos Sociais e Educação”, têm este compromisso social: gerar consciências que potencializem trajetórias de libertação e caminhos para inclusão.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli. 3ª ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva S.A., 1997.

_____. **La distinción: criterio y bases sociales del gusto**. Versão espanhola de Maria del Carmen Ruiz de Elvira. Spain, Madrid: Altea, Taurus, Alfaguara S.A., 1988.

_____. **Meditações Pascalianas**. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil Nº 9394 de 1996.

_____. Parecer CNE Nº 16 de 1999.

_____. Resolução CEB Nº 04 de 1999.

_____. Código Civil Brasileiro - Lei Nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 54ª edição, 2003.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988. São Paulo: Saraiva, 2003.

_____. Decreto Federal nº 2028 de 1997.

_____. Decreto Federal nº 5154 de 2004.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil Nº 4024 de 1961.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil Nº 5692 de 1971.

_____. Lei Federal 7044 de 1982.

CASTEL, Robert. As Armadilhas da Exclusão. In: **Lien Social et Politiques** – RIAC, 34, outubro 1995.

CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice. **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

CATTANI, Antonio David. Teoria do Capital Humano. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21>. Acesso em: 27 mar. 2005.

CATTANI, Antonio David. **Trabalho e tecnologia – dicionário crítico**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

CHAUÍ, Marilene. **O que é ideologia?** 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

CHIESI, Antônio; MARTINELLI, Alberto. O trabalho como escolha e oportunidade. (p. 110 a 125). In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Set/out/nov/dez 1997, Nº 6.

CUNHA, Luiz Antônio. A Educação nas constituintes Brasileiras: Análise e Propostas. (p. 5 a 24). In: **Educação & Sociedade**. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 22, set/dez, 1985.

_____. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Ed. UNESP, Brasília, DF: Flacso, 2000.

_____. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. São Paulo: Ed. UNESP, Brasília, DF: Flacso, 2000.

_____. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. São Paulo: Ed. UNESP, Brasília, DF: Flacso, 2000.

DEMAZIÉRE, Didier; DUBAR, Claude. Trajetória

Profissional e Formas Identitárias: uma Teorização. (p.183 a 200). In: **Contemporaneidade e Educação**. Campinas/SP: UNICAMP. Instituto de Economia, Ano v, nº 8, 2º semestre. 2000.

DUBAR, Claude. **A socialização – Construção das Identidades sociais e Profissionais**. Porto – Portugal: Porto Editora Ltda, 1997a.

_____. Formação, Trabalho e Identidades Profissionais. (p.43 a 52). In: CANÁRIO, Rui (org.). **Formação e Situações de Trabalho**. Tradutora: Júlia Ferreira. Porto, Portugal: Porto Editora Ltda, 1997b.

ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Editora Artmed. 1989.

_____. **Educar em tempos incertos**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Editora Artmed. 2004.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Plano Estratégico da SUEPRO - Superintendência da Educação Profissional do Rio Grande do Sul, Gestão 2003 - 2006.

FONSECA, Celso Suckow. **História do Ensino Industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Técnica, 1961 v.1.

_____. **História do Ensino Industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Técnica, 1962 v.2.

FRANZOI, Naira Lisboa. Da Profissão como profissão de fé ao “mercado em constante mutação”: trajetórias e profissionalização dos alunos do Plano Estadual de Qualificação do Rio Grande do Sul. UNICAMP, 2003. 213 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1995.

GENTILI, Pablo A. A.; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação – Visões críticas**. Petrópolis: Vozes, 1994.

HIRATA, Helena. Relações Sociais de Sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito trabalho. Trad. TRYLINSKI, Maria Helena C.V. Brasília, **Revista Em Aberto**, ano 15, nº 65, jan/mar, 1995 (p. 39 a 47).

KÜENZER, Acácia Z. **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. (p. 55 a 75). In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação e**

crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcante. **O discurso do sujeito coletivo – Um enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003. (Coleção Diálogos).

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência social:** Elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 1989.

MANFREDI, Sílvia Maria. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de Souza. O jovem no mercado de trabalho. (p. 96 a 109). In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. set/out/nov/dez 1997, Nº 6.

MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, Livro 1, Cap. 12 e 13, p. 386-579.

MATTOSO, Jorge. **O Brasil Desempregado**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2ª Edição, 3ª Reimpressão, 2001.

MELLUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. (p. 5 a 14). In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. set/out/nov/dez 1997, Nº 6.

MICELI, Sergio. Introdução: A força do Sentido. In: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli. 3ª ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva S.A., 1997.

MORLEY, David. El posmodernismo: una guía básica. In: CURRAN, James. **Estudios culturales y comunicacion:** analisis, produccion y consumo cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo. Barcelona: Paidós, 1998.

NAISBITT, John. **Megatendências:** as dez grandes transformações ocorrendo na sociedade moderna. São Paulo, SP: Editora Nova Cultural Ltda, 1987.

NETO, Maria Inácia D'Ávila. Feminismo, Desenvolvimento e Ideologia: Reflexões e outras idéias. (p. 67 a 80). In: NETO, Maria Inácia D'Ávila; GARCIA, Claudia Amorim. **Mulher:** Cultura e Subjetividade organizadora. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – Coletânea ANPEPP, 1997.

NOSELLA, Paolo. A escola brasileira no final do século: um balanço. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e Crise do Trabalho:** Perspectivas de final de século. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

OLIVEIRA, Luísa. **Inserção Profissional – O caso da reestruturação dos lanifícios na Covilhã**. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. (p. 15 a 24). In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, set/out/nov/dez 1997, Nº 6.

PIAGET, Jean. **A Epistemologia Genética**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes Ltda, 1972.

_____. **O nascimento da inteligência na criança**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

POCHMANN, Márcio. **O trabalho sob fogo cruzado**. Campinas, São Paulo: Ed. Contexto. 1999.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zélia. **Psicologia e Epistemologia Genética de Jean Piaget**. São Paulo: EPU, 1980.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. O Ensino Industrial: Memória e História. (p.209 a 228). In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs). **História e memórias da educação no Brasil**. Vol III: séc. XX. Petrópolis,RJ: Vozes, 2005.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Nova Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.

SANTOS, Jailson Alves dos. A trajetória da educação profissional.(p.205 a 224). In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Farias; VEIGA, Cybthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SPÓSITO, Marília Pontes. Educação e Juventude. (p.7 a 11). In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, nº 29, junho/99.

_____. Estudos sobre juventude em educação.(p.37 a 51). In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, set/out/nov/dez 1997, Nº 6.

STEPHANOU, Maria. Forjando novos trabalhadores: A experiência do ensino técnico-profissional no Rio Grande do Sul (1890-1930). Porto Alegre, 1990. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TROTTIER, Claude. Emergências e constituição do campo de pesquisa sobre a inserção profissional. (p. 133 a 178). In: DESULNIERS, Julieta Beatriz Ramos (Org.). **Trabalho, Formação e Competências**. Porto Alegre: EPIPUCRS, 1998.

ZUCHETTI, Dinora Tereza. **Jovens:** a educação, o cuidado e o trabalho como éticas de ser e estar no mundo. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.